

# O grupo no processo educativo <sup>10a</sup>

*Marília J. Marino <sup>10</sup>*

*Vida Social: Construção Humana.*

*Quem sou ? Onde estou ?*

*Quando? Com quem ? Para quê ?*

Na nossa condição de “atores” no palco social, onde acontece nosso cotidiano, estas são questões que nos acompanham e que respondemos sem nos darmos muita conta, nas ocupações de todos os dias: sou trabalhador, sou dona de casa, sou filho de fulano, vim do interior, vou agora tirar dinheiro do banco, fui levar meu filho à escola, estou vindo da reunião do sindicato. Com fulano posso contar, com sicrano não ... Estamos juntos aqui para... Múltiplas ocupações e preocupações que nos enredam à vida de outras pessoas. As que cuidamos, às quais respondemos, as que amamos, as de quem só ouvimos falar. As que vou encontrar logo mais, as que não estão mais presentes aqui, mas me acompanham. As que não conheci mas deixaram um legado. Herança preciosa às vezes, fardo outras. Presenças que repercutem na história, na Cultura. Na minha história de vida, na Cultura - modo de vida - em que estou mergulhado.

A presença do “outro” é sempre espelho onde me vejo, construo minha imagem e uma imagem do mundo. Minha vida se trama nas relações escolhidas e não escolhidas que estabeleço e das quais sou herdeiro. Sou *socius*, membro da vida social, companheiro. Estou sendo e serei um legado à humanidade também. Mesmo quando estou só, sou povoado por tantas presenças-ausências... E quem sabe, quem pensa em mim carrega minha imagem-presença na minha ausência? Vamos descortinando os níveis da vida social, onde me construo, sou construído e participo da construção também nas respostas, ou falta delas, que vou dando às nossas questões iniciais. Num olhar de superfície (macrossociológico) que percorre a Sociedade Externa “Oficial”, detectamos nos conjuntos humanos: a pessoa, a relação pessoa-pessoa, os Grupos, as Organizações e Instituições - diferentes dimensões que se sobrepõem em cenários onde se desdobram os fenômenos sociais.

Num olhar de profundidade (microsociológico) comprometido com a avaliação social (tendo a ver com valores motivações - o quê e quem importam) detectamos, nos diferentes níveis apontados acima, redes relacionais que falam de alianças, rechaços e indiferenças de cada um. Ao meu redor gravitam pessoas, eu gravito ao redor de outras; de nossos átomos sócio-culturais (núcleo de relações que estabelecemos nos papéis que desempenhamos) uma rede se forma,

construindo o tecido social e o marcando com correntes psicológicas, emocionais. Do entrecruzamento de um olhar com outro olhar, nos damos conta da realidade social experienciada, sempre em movimento:

- A **pessoa**: eu, você, cada um povoado por tantas presenças-ausências, afetando e sendo afetado por todos com quem se relaciona, trazendo um história de vida. Estamos diante da “menor unidade social viva: a pessoa e seu átomo socio-cultural”. (Moreno, 1992, p. 159).
- **Pessoa-pessoa**: eu e você, ele e eu, nós, o bicorporal, o interpessoal, a possibilidade da construção do vínculo na partilha de afetos, idéias, mundo comum, ou na experiência de estranhamento, desencontro. Minha mãe e eu, eu e meu amigo, meu chefe e eu... Neste plano, já aparece com clareza que me relaciono com o outro sempre de um lugar: filho, amigo, funcionário, etc... Um lugar cercado por expectativas minhas e do meu par (meu complementar), com condutas esperadas: os papéis psico-sociais - “a menor unidade cultural de conduta”, segundo Moreno (1992, 1984). Numa perspectiva social trazem os scripts, roteiros dados pela cultura que norteiam nosso comportamento. Numa perspectiva psicológica, são a expressão do nosso eu. O desafio que se coloca é: no desempenho dos papéis sociais, podemos expressar nossa singularidade?
- **O grupo**: aqui, o “nós ampliado, eu, você, ele, mais um ... e cada qual com cada outro. Uma teia se forma, um campo de forças que nos liga por necessidades comuns - uma matriz relacional. Para alguns autores - Lapassade (1977), por exemplo - aqui começa propriamente a experiência da vida social organizada, na visão da Sociedade “Oficial”. Toda relação social se faz sempre nos grupos (estes, por sua vez, podem vir a configurar organizações, sendo ambos sobredeterminados pelas Instituições, como veremos a seguir). Como base da vida cotidiana, é nesse espaço que damos conta da vida. Na escola, é a classe, no trabalho é o escritório, é a oficina, a seção. No restante da vida, a família - primeiro grupo social -, matriz de identidade, no dizer de Moreno (1984). Aciona o ingresso na vida social e é responsável pela Socialização no discurso sociológico - marcada por processos onde a dimensão pessoal e afetiva se fazem presentes.
- **As Organizações**: Aqui, estamos no plano dos estabelecimentos, com seus regimentos, regulamentos, normas jurídicas, fazendo a ligação entre a sociedade civil e o Estado. Temos uma estrutura que pode ser ocasião de relações autoritárias dadas à Burocracia: a separação dos que decidem e dos que fazem. Falamos aqui de equipamento, condições materiais, espaço físico, do organograma que distribui pessoas e grupos em diferentes papéis

e regiões do poder. A Escola X, A Fabrica Y, O Hospital Z, O Sindicato W. Aqui o padrão relacional já se mostra marcado pela impessoalidade das relações formais. O contato “face-a-face” só se faz no pequeno grupo, dentre os vários que compõem a Organização.

- **As Instituições:** Chegamos ao último nível, o primeiro, se invertermos a perspectiva e olharmos para o Sistema Social: temos o ESTADO, entendido como conjunto de leis que regem a conduta social, enraizado historicamente, crivando a organização, o grupo, a vida das pessoas, de cada um de nós. Leis que emergem dos padrões de comportamento validados na cultura, colocam-nos na perspectiva do Estado de Direito e que, se nos são impostas, jogam-nos nos horrores do Estado Autoritário ...

Mesmo como regulador maior dos contornos da vida social, o Estado como matriz legal não esgota e não cobre a profusão de possibilidades que advém da vida associativa e de suas contradições. Algo o antecede e o sustenta - a Cultura e a vida social possíveis pela Linguagem: padrão regulador em que as leis, os combinados e os contratos, instituídos na cultura ou em regiões dela se expressam e se fazem comunicantes concretamente nas matrizes relacionais. A **Linguagem**, sistema simbólico produzido pelo homem, plasma nossa condição humana, é intermediária e construtora de nossa relação conosco mesmos, com o outro e com o mundo. A primeira instituição, segundo Berger & Berger (apud Ardoino, s/d). O conteúdo e o instrumento mais importante de nossa socialização: o processo de aprendizagem da “realidade”, da qual somos herdeiros e recriadores ou não.

O **processo de socialização** pode ser dividido em duas faces: a primária e a secundária. Na socialização primária, que ocorre geralmente no interior da família - a primeira matriz relacional -, concomitante com o amadurecimento neurofisiológico, vamos adquirindo a consciência que a linguagem nos permite e que nos torna humanos. É básica e fundamental, pois toda e qualquer aprendizagem subsequente se apóia nesses alicerces construídos na primeira infância, e que são marcados por fatores fortemente emocionais. É a emoção que liga a criança aos primeiros outros significativos (aqueles com os quais se identifica): seus pais, ou quem os representa. Essa ligação afetiva é condição necessária para que a socialização se realize. Sem ela é extremamente difícil, quando não impossível, esse primeiro aprendizado do mundo.

A socialização secundária se inicia quando a criança percebe que a realidade transcende as fronteiras de sua casa e se espalha por todo um mundo social. Janela possibilitada pela rede interacional e informativa a que pertence sua “família”. Amplia-se seu átomo sócio-cultural. A identificação não se faz apenas

com os outros concretos que estão à sua volta, mas com uma generalidade de outros, com uma sociedade. Assim se forma o conceito do outro generalizado. A socialização secundária diz respeito a qualquer processo subsequente à primeira que vise introduzir o indivíduo em novos setores do mundo social “oficial”. Interiorizamos os “pedaços” do mundo social-institucional que compõem nossa sociedade, aprendemos os papéis específicos que decorrem da divisão do trabalho e do conhecimento. Vamos nos defrontando com a multiplicidade, o diferente, o conflitivo das diferentes regiões da cultura a que temos acesso.

Se a socialização primária ocorre em meio a forte afetividade, a secundária se dá de modo mais distanciado, racional e planejado, processo de aprendizagem que em geral é tarefa de instrutores especializados, como os professores. Guardemos a questão, acerca do seu papel, considerando a quem e o que representa, na ordem social, nesse momento de sermos construtores da vida sócio-cultural e sermos construídos por ela. Nossa socialidade vivida, possibilitada pela linguagem expressa em gestos e palavras, vai instituindo normas, padrões de comportamento, modos de ser.

Visualizando o tecido social, percebemos-nos como herdeiros do **Instituído**, no dizer de Lapassade (1977) - das Conservas Culturais, no dizer de Moreno (1992, 1984). Vivemos, no entanto, o desafio de resgatarmos nossa espontaneidade e criatividade, sendo recriadores das relações sociais, instituintes de “novos combinados”, criadores de novos modos de vida, criadores de Cultura, de uma nova comunicação, de uma nova cidadania, de um outro olhar. Estamos diante da dimensão institucional que atravessa todos os níveis da vida social e nem sempre é apreensível, como modeladora de padrões de comportamento, de modos de olhar que me incluem, ao outro e aos grupos de que faço parte, no nosso modo de jogar os papéis psico-sociais.

Com essas idéias, preparamo-nos para retomar o nível do grupo que aqui está em foco, olhando a sala de aula como espaço da cultura.

### **A sala de aula: pequeno grupo social**

Mas que tipo de grupo é a sala de aula ?  
E... todo conjunto de pessoas, é grupo ?

Para a Psicologia Social, um conjunto de pessoas se diferencia de um agrupamento ocasional ou de uma série, no dizer de Sartre, e se torna grupo, quando elas têm objetivos comuns, partilhados e estão em interação. Geralmente considera-se grupo primário a “família”, acionadora do processo de socialização primária,

onde ganhamos as primeiras marcas de nossa história de vida. Grupos secundários são os de trabalho, de estudo, através dos quais ampliamos nossa participação social.

No entanto, olhando o modo como se dá a interação, temos grupos formais, com relações distantes, que se regem por contratos rígidos, com pouca ou nenhuma espontaneidade, exemplificados pelos grupos executivos e/ou burocráticos. Por outro lado, temos grupos onde se cultiva vida de grupo. Aí detectamos ligações afetivas ou qualquer outro tipo de sentimento, ampliador do significado das relações, que faz surgir laços pessoais e de proximidade. Mas onde fica a sala de aula, então? Interação acontece: entre aluno-aluno, aluno-classe, professor-aluno e professor-classe; ainda entre colegas, amigos...

Todos estão reunidos “para aprender”, diz o jargão oficial. Pesa a expectativa social de que aí a Cultura seja transmitida, garantindo a continuidade da vida social. De que professor ensine e aluno aprenda. Os papéis sociais estão formalizados, mas isto implica, necessariamente, que a sala de aula seja apenas um grupo burocrático, formal? Pessoas estão em relação, uma rede vincular se forma. É o momento de recuperarmos o lugar do professor. Seja no Sistema Regular de Ensino, ou em projetos de Educação não vinculados ao mesmo, marca o seu lugar, a autoridade que referencia o poder instituído e o saber hegemônico, numa Organização/Escola, uma região social no recorte sócio-cultural, onde esta se insere. Esse lugar mediatiza uma rotina que prevê horas de entrada e de saída, formas de trabalho e de relação, comportamentos aceitos e valorizados, ou rejeitados e punidos, conhecimentos considerados verdadeiros ou não. É lugar de representação do Saber e do Poder - em última instância, mediatiza a interface Sociedade / Estado, como os pais na família, o chefe no escritório. No entanto cabe perguntar: o papel do professor se reduz a ser porta-voz do instituído, das Conservas Culturais, como representante da Sociedade “Oficial”?

O modo como O Professor responde desse lugar, organizando sua ação didática na relação face-a-face, na fala direta ao grupo, respondendo por ele face à dimensão institucional e a uma Organização Educativa à qual o grupo se vincula revela seu alinhamento com uma visão de Mundo e de Educação. Qual é nosso projeto político-pedagógico? Que cidadão queremos formar?

Na visão tradicional, em que o professor se coloca como reprodutivista do instituído (saber e poder) que marca nossas Conservas Culturais, predominam as relações “oficiais”: Professor-ensina, aluno-aprende; a vida do grupo acontece a despeito do enquadro formal de uma programação de ensino, das tarefas solicitadas e da avaliação. Quando a vida do grupo surge em cena, na percepção do professor, se mostra como incômodo, em momentos de “indisciplina”, perturbadores do Ensino.

A sala de aula não passa, aí, de um agrupamento no contorno do grupo burocrático-formal. As relações, experiências e trocas são desconsideradas, seguem à margem. Produzimos cidadãos em série, prontos a obedecer pelo temor à punição, ou revoltados mas silenciados. Numa visão emancipadora, o professor disponibiliza-se à relação, abre-se à espontaneidade – criatividade própria e dos educandos. Como educador-coordenador desenvolve a consciência de que suas ações têm o alcance de gerar a experiência de Construção do grupo de aprendizagem, onde a riqueza relacional e existencial é partilhada e catalisada num aprender e decidir construído conjuntamente.

Aí, a sala de aula é vista como espaço da cultura, laboratório da vida social. As redes intersubjetivas são catalisadas para troca, somos convidados a nos trazermos em nosso mundo e construirmos, assim, um mundo comum: no encontro com o conhecimento e na participação que organiza a vida partilhada. Caminhamos em direção a uma nova cidadania, onde o poder é visto não como linha de comando, mas como âmbito de responsabilidade. Abrimos a possibilidade da aprendizagem das relações democráticas, onde o saber e o poder são repartidos. Migramos, assim, da consideração apenas, da Sociedade externa “a nós”, numa visão de superfície onde localizamos os papéis sociais (professor-aluno) em seus scripts prontos, para a ordem do invisível, onde o grupo é matriz relacional, atravessada por forças afetivas nas aproximações e distanciamentos interpessoais face ao ‘para quê’ estamos aqui. O professor colocando-se como membro do grupo - no lugar diferenciado de responder por ele como co-ordenador, abre-se ao interjogo da realidade vivida na experiência social da nossa vida de grupo.

Como operar a passagem de “representante oficial” – nível de liderança legal, para coordenador de grupo - nível de liderança legítimo, na cultura pedagógica do educador ?

## **Vida de Grupo e Processo Educativo**

### **A. Dos fenômenos da vida em grupo**

Até agora consideramos o entrelaçamento de dois âmbitos indissociáveis: vida social –vista como construção humana, de onde o educar recebe seu sentido, e Projeto Pedagógico, que aponta para a questão da cidadania. Articulando os dois âmbitos, o grupo de aprendizagem, como pequeno grupo social, mostra-se como espaço aberto à possibilidade de um aprender continuado acerca das relações democráticas; um aprender a relacionar-se, a comunicar-se, que diz respeito ao coordenador e a todos os membros do grupo - matriz relacional. Aí

se dá o interjogo de posições (alinhamentos) e papéis psico-sociais, face a um Projeto Coletivo, explícito ou não, gerado na coexistência.

O coordenador encontra-se aqui diante do desafio de articular o visível que advém da sociedade oficial e seus níveis e o invisível, enquanto redes interacionais em seus fluxos afetivos. O grupo vai se mostrando então, não como soma de indivíduos circunscritos por uma tarefa oficial, mas como campo de forças no qual desejos, necessidades e interesses buscam expressão, na confluência de um Projeto Coletivo articulado na intersubjetividade, caracterizando uma determinada identidade grupal.

No desdobramento do Projeto em tarefas, que coloca os indivíduos em interação, acontece a passagem de “amontoadado” indiferenciado (agrupamento) para o assumir-se como participante do grupo - o caminho da diferenciação. No espaço coletivo, o lugar de cada um. Identificação no Projeto Comum e abertura para considerar as diferenças quanto à singularidade de cada pessoa e quanto às posições que as alinham. O sentido do grupo vai se fazendo então nos encontros, desencontros e reencontros de cada um, como conjunto e com cada outro, na busca do reconhecimento recíproco (Milan, 1976).

Sua presença é importante para mim, minha presença é importante para você - assim os vínculos vão se construindo. Podemos nos chamar em pensamento, a cada um e a todos em conjunto, no dizer de Madalena Freire (s/d). Assumimos o exercício da diferenciação, dando lugar ao “grupo em mim”, importando-me com o “grupo em você”, o “grupo em nós”. Assumir o exercício contínuo da diferenciação é cuidar da vida do grupo, o que nem sempre é exequível, menos porque “não se quer” e mais porque “não se pode”, dado o desafio de transformação que a convivência gera, chamando ao crescimento pessoal-emocional, do enfrentamento dos medos, do “diferente em mim”, do “diferente no outro”. Exercício de autoconhecimento. Cuidar da vida do grupo implica cumplicidade no zelo pelo modo como nos comunicamos no ir aprendendo a lidar com conflitos, com o inicialmente estranho à Cultura do Grupo - seu modo de ser.

A cultura do grupo vai se formando na intersubjetividade a partir das dimensões claro-escuro do co-consciente e do co-inconsciente. O co-consciente diz respeito ao disponível enquanto representações, significados e valores - os combinados que advém da Organização onde o grupo se insere e os que vão emergindo na convivência. O co-inconsciente remete-nos ao não imediatamente disponível - forças afetivas que imprimem direção-dispersão, alinhamentos-rupturas, face às possibilidades dos Projetos Pessoais convergirem para o Projeto Comum. Na travessia da indiferenciação para a diferenciação, é fundamental

que o Co-ordenador acione seu olhar sociométrico: a observação e a leitura que avaliam o movimento do conjunto grupal e entre os sócios (companheiros). Esse movimento se expressa em determinadas configurações estruturadas que vão se desenhando no cenário de cada encontro (as escolhas de direção a seguir e das alianças, rechaços e indiferenças entre os pares) e falam dos bastidores a serem desvelados a partir do interjogo relacional. Neste, o co-consciente e o co-inconsciente grupais mesclam-se no assumir-atribuir papéis psicológicos entre os membros do grupo. Os papéis psicológicos operam como funções que servem a um determinado desenho estrutural. Como esse assumir-atribuir papéis se dá?

Na horizontalidade da história do grupo se entrecruza a verticalidade das histórias pessoais de cada membro, marcadas pelas experiências vividas ao longo da vida, em seus átomos sócio-culturais - conceito moreniano, que nos remete às redes relacionais que estabelecemos nos diferentes papéis sociais que desempenhamos (Moreno, 1974). No jogo desses papéis sociais que se inicia nos vínculos familiares, somos qualificados como “agressivos”, “inquietos”, “estudiosos”, “o que fala pelos cotovelos”, “o problemático”, “o folgado”, etc. Recebem-se atribuições que se assumem ou não, considerando a influência daqueles com os quais nos identificamos, incorporando aspectos de sua personalidade, neles nos reconhecendo. Tendemos a nos comportar conforme as expectativas de nossos outros significativos. Dessa forma, cristalizações perceptuais se estabelecem, dando lugar aos papéis psicológicos que nos encaixam num “tipo” e podem se tornar rótulos estereotipados.

Trazemos essas marcas, no atribuir-assumir papéis, para as novas redes relacionais que estabelecemos, e aí corremos o risco da transferência. Nesse fenômeno, revivemos frente às pessoas de um grupo experiências emocionais, negativas ou positivas, que no passado distante nos afetaram, sem nos darmos conta da nova situação. Por exemplo, em qualquer autoridade, vê-se o “pai autoritário-castrador”; em qualquer gesto gentil, “o interesseiro”. Aos fenômenos da identificação e da transferência, estudados por Freud, acresce-se a explicitação realizada por Pichón-Rivière (1986), quando nos alerta acerca do movimento de Projeção que pode permear o jogo de atribuir-assumir papéis: quando o indivíduo ou o grupo, por não reconhecer em si mesmo conteúdos que não pode assumir, deposita-os em alguém que por suas características os aceita. É a conhecida atribuição de Bode Expiatório a quem nos grupos assume as culpas coletivas, livrando o grupo do medo, da ansiedade, do que provoca mal-estar.

Pichón-Rivière (1986, e IPRSP, 1989) ainda aponta outros quatro papéis psicológicos mais frequentes nos grupos: Líder de Mudanças - quem se encarrega de levar adiante as tarefas, enfrenta conflitos, propõe soluções, arrisca-se; Líder

de Resistência - ou advogado do diabo, freia o grupo em sua crítica exacerbada, é contrapeso para que o grupo “caia na real”; o Silencioso - contrapartida do falante, pois representa a parte deste que quer calar e não pode - lembra a importância de se considerar “do que fala” o silêncio, diferenciando-se da omissão e, finalmente, o Porta-Voz - também expressão de liderança, pela sua sensibilidade, capta o latente no grupo em forma de sentimentos, necessidades e conflitos, dando-lhes expressão verbal.

A caracterização do “Porta-Voz”, na abordagem dos grupos operativos de Pichón-Rivière (1986) , encontra correspondência na conceituação de Protagonista na abordagem psicodramática de Moreno: como aquele que, sendo “o primeiro combatente”, traz o tema a ser trabalhado. Nele o grupo se reconhece em sua história e nas experiências significativas que chamam ao cuidado, seja no que se refere às tarefas, seja no que se refere a aspectos emocionais latentes a serem explicitados.

A abordagem moreniana contribui de modo particular para a compreensão do fenômeno grupal a partir do conceito de **tele**. Em grego a palavra significa comunicação à distância e indica uma relação além dos fenômenos de Identificação, Transferência e Projeção, englobando-os, no dizer de Wilson Castelo de Almeida (1990, p. 22). ‘Tele’ seria o nome para a espontaneidade-criatividade, vividas na relação com o outro, onde nos mantemos abertos em nosso ser-no-mundo para percebê-lo de seu ponto de vista, de sua perspectiva, de sua linguagem e compreensão e sermos também percebidos assim. Movimento de mão dupla, é o “cimento” que mantém um grupo unido em direção à coesão.

Desenvolvendo nossa tele, somos capazes de inverter papéis e assim experienciar a fragilidade de nossas atribuições quando se fazem rótulos do outro, aprisionando-o num enquadramento que desconsidera sua multiplicidade de facetas como ser em transformação, pondo em questão as atribuições que assumimos também. Moreno pensa papel sempre à luz de seu complementar; desse modo a inversão possibilita desvelarmos para que estão servindo os scripts pelos quais nos pautamos nas relações com cada outro e com o conjunto.

## **B. Da vida de grupo e a perspectiva pedagógica**

A transformação da Cultura Pedagógica do Educador em direção à postura de Coordenador de grupo, que cuida da vida do grupo, implica a observação, leitura e explicitação dos fenômenos que permeiam a caminhada em direção à diferenciação, já apontados, bem como, na organização sistematizada de encaminhamentos e intervenções que articulam: as tarefas

relacionadas ao Projeto - o para quê e o modo como se dão as relações - o como estamos aqui - diante da presença do conjunto e da singularidade de cada um. Nessa articulação, o Coordenador, colocando-se como facilitador da aprendizagem, busca criar condições que possibilitem ao grupo tornar-se cooperativo para ser operativo, considerando:

- a importância de construir em conjunto um contrato coletivo, que leve em conta as expectativas em torno da Proposta, aspectos organizacionais e éticos da vida em comum;
- a participação de todos num processo de avaliação contínua, que contemple a proposta, a produção coletiva, o processo grupal, o desempenho do coordenador e dos participantes e a auto avaliação de todos os envolvidos;
- a valorização das experiências de cada um, face aos conteúdos a serem trabalhados;
- a adequabilidade de ser mais ou menos diretivo, dando espaço aos temas emergentes, quer da ordem dos conteúdos, quer da ordem do processo grupal;
- o assumir-se como membro do grupo, apesar de seu papel diferenciado, tendo presente que está sujeito aos fenômenos de identificação, transferência e projeção, que cabe explicitar, em relação a si mesmo e em relação ao conjunto, para quebrar os rótulos estereotipados dos papéis psicológicos atribuídos. Buscar favorecer, então, os rodízios de papéis e um clima de empatia que possibilite a 'tele';
- Comprometer-se com o aprimoramento contínuo quanto à sua formação teórica, técnica e relacional, abrindo-se ao autoconhecimento e ao aprender com os erros.

Fica o desafio a cada um, de buscar-refletir outras implicações, na tarefa de tratarmos nossos grupos de aprendizagem como instâncias onde pode se dar o exercício das relações democráticas, em busca de uma nova cidadania. O poema, "Convite ao Encontro", construído por Moreno em 1914, ressoa ainda como caminho para a saúde dos grupos e a educação de homens livres e responsáveis:

"Um encontro entre dois: olho no olho, cara a cara.  
E quando estiveres próximo, tomarei teus olhos e os colocarei no lugar dos meus, e tu tomarás meus olhos e os colocará no lugar dos teus, então te olharei com teus olhos e tu me olharás com os meus. Assim, nosso silêncio se serve até das coisas mais comuns e nosso encontro é meta livre: o lugar indeterminado, em um momento indefinido, a palavra ilimitada para o homem não cerceado"

## Referências Bibliográficas

- ALMEIDA, W. C. *O que é psicodrama*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- ARDOINO, J. In: LOBROT, M. *A pedagogia institucional*. Lisboa: Iniciativas Editoriais, s/d.
- FREIRE, M. *O que é um grupo?* mimeo, s/d.
- INSTITUTO PICHÓN RIVIÈRE DE SÃO PAULO, (Org.) Participação de Paulo Freire; Ana P. Quiroga; M. Leonor et al. *O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichón Rivière*. 2ª ed., Petrópolis: Vozes, 1989.
- LAPASSADE, G. *Grupos, organizações e instituições*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.
- MILAN, B. *O jogo de esconderijo*. São Paulo: Pioneira, 1976.
- MORENO, J. L. *Psicoterapia de grupo e psicodrama*, São Paulo: Mestre Jou, 1974.
- MORENO, J. L. *Psicodrama*. São Paulo: Cultrix, 1984.
- MORENO, J. L. *Quem sobreviverá ? Fundamentos da sociometria, psicoterapia de grupo e sociodrama*. Goiânia: Dimensão, 1992.
- PICHÓN-RIVIÈRE, E. *O processo grupal*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

## Resumo

Este artigo descreve o modo como os indivíduos ingressam nos grupos, bem como a relação dos grupos com as organizações e as instituições sociais. A autora propõe que a sala de aula seja vista como um grupo e o professor como seu coordenador e facilitador da aprendizagem. Ressalta ainda a importância da construção e apropriação coletiva de conhecimentos como meio de se viabilizar o crescimento dos indivíduos e dos grupos.

**Palavras-chave:** Educação, Escola, Grupos, Trabalho em Grupo, Psicodrama.

## Abstract

This paper presents the ways which people uses for get places in groups, as well the relation between groups, organizations and social institutes. Its proposes that the classroom can be seen as a group and the teacher as its coordinator. Its also remarks the importance of the collective building of knowledge for the development of people and groups.

**Key words:** Education, school, groups, group's work, psychodrama.

